

Márcia das Chagas Freitas

**A Motivação na Educação Infantil:
O Papel do Professor na Sala de Aula**

7,0

Rio de Janeiro

2000

Márcia das Chagas Freitas

**A Motivação na Educação Infantil:
O Papel do Professor na Sala de Aula**

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA: MONOGRAFIA

Reitor: Prof. Pietro Novellino

Decana: Profª Maria José Mesquita Cavalleiro de Macedo Wehling

Diretor: Dayse Martins Hora

Orientador: Profª Janete de Oliveira Elias

“A Motivação na Educação Infantil: O Papel do Professor na Sala de Aula”

Márcia das Chagas Freitas

**Monografia apresentada à Escola de
Educação do Centro de Ciências
Humanas da Uni-Rio, como parte dos
requisitos para a obtenção da
Licenciatura Plena em Magistério**

Professor Orientador: Janete de Oliveira Elias

Rio de Janeiro

2000

FREITAS, Márcia das Chagas. A motivação na educação infantil – o papel do professor na sala de aula. Rio de Janeiro, Universidade do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Escola de Educação, 2000, p.

S854 Freitas, Márcia das Chagas.
A motivação na educação infantil – o papel do professor na sala de aula / Márcia das Chagas Freitas. – Rio de Janeiro, 2000
50 f.

Monografia apresentada à Escola de Educação do Centro de Ciências Humanas da Uni-Rio, como parte dos requisitos para a obtenção da Licenciatura Plena em Magistério.

1. Educação – motivação e criança. I Escola de Didática.

Dedicatória

Gostaria de compartilhar com alguns a alegria pelo êxito de mais esta etapa concluída, e faço-o dedicando este momento:

À minha família: sem vocês, nada teria sentido;

À minha mãe Claudia: se consegui caminhar até aqui, foi principalmente graças a ela, que sempre esteve ao meu lado, incondicional, até mesmo nos momentos em que eu não merecia tanto;

Às minhas filhas, Taissa e Isadora: meus pequenos anjinhos, sempre iluminando minha vida, com seus sorrisos, com seu amor e vivacidade;

E, por fim, quero dedicar este momento, principalmente, a uma pessoa muito especial e rara: sem ele, não sei que rumos teria tomado em minha formação. Com paciência, amor e dedicação, ele me abriu as portas para o conhecimento de forma prazerosa, com uma gentileza e, ao mesmo tempo, com uma autoridade de quem sabe o que faz. Seus incentivos, e mesmo suas críticas em alguns momentos, foram fundamentais para o meu crescimento e para a conclusão desse trabalho. Esta pessoa – que dedicou alguns anos de sua vida a mim e a meus projetos – é o meu namorado, amigo e companheiro, Affonso.

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, colaboraram com a conclusão deste trabalho, dos técnicos aos conselheiros. Agradeço mais, sem dúvida, à minha mãe, que durante todo este tempo, dando-me força moral e financeira, foi fundamental; às minhas filhas, que se privaram de minha presença por muitas vezes, ao meu namorado, Affonso, que dedicou-se na construção do trabalho final, tecnicamente, financeiramente e afetivamente; mesmo nos momentos mais duros, não me negou ajuda, deixando de lado até seus próprios interesses. Gostaria de agradecer também a essa valiosa equipe de mestres da Uni-Rio. A estes que me ajudaram muito me ensinando ~~me~~ coisas preciosas, coisas que ficarão para resto de minha vida. Estes que influenciaram definitivamente – de maneira positiva – minha visão de mundo e, com certeza, os rumos de minha formação.

A todos vocês, o meu muito obrigado.

Epígrafe

"Toda obra carrega um anelo: o de vir a ser, para alguém, um sopro, um estímulo, uma inspiração. E cada palavra encerra em si o mesmo desejo: o de despertar – como com o beijo do príncipe – a princesa que jaz adormecida dentro de nós. E esta princesa é nossa alma, nossa consciência, nosso ver-o-mundo-com-o-coração. Ela dorme – ou está em alguma torre de marfim – porque a Razão quis se tornar senhora de tudo. Mas a Razão é uma menina birrenta que bate o pé e acha que sabe fazer tudo sozinha. A consciência é a sabedoria, é ponderação, é sentimento. Ambas deveriam aprender a andar juntas. Mas, para isso a Consciência tem que acordar, tem que ser libertada, em todas as raças, em todas as línguas, em todos os credos. Despertar significa ver "o Reino de Deus que se estende por toda a terra" e sobre todas as raças, línguas, povos, nações e credos"

Emerli Schlögl

"Conta a lenda que dormia
Uma princesa encantada,
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à princesa vem.

A princesa adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de era.

Longe, o infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino -
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada .

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada afora
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do houvera,
A cabeça em maresia,
Ergue a mão, e encontra a hera,
E vê que ele mesmo era
A princesa que dormia"

Fernando Pessoa

SUMÁRIO

1 - RESUMO	10
2 - INTRODUÇÃO.....	11
2.1 - O PAPEL DO CARINHO.....	11
2.2 - RESPEITANDO AS DIFERENÇAS.....	12
2.3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
2.4 - METODOLOGIA.....	19
3 - DESENVOLVIMENTO.....	21
3.1 - A VISÃO DA GESTALT	22
3.2 - O COMPORTAMENTO MOTIVADO.....	24
3.3 - INTERAÇÃO ORGANISMO-AMBIENTE.....	26
3.4 - A VISÃO HUMANISTA.....	29
3.5 - A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....	33
3.6 - A PRÉ-ESCOLA.....	35
3.7 - ESCOLA E MODERNIDADE	39
4 - CONCLUSÃO.....	42
APRENDIZAGEM, DESEJO E CORPO	44
5 - BIBLIOGRAFIA	46

1 - RESUMO

Este trabalho aborda a importância da motivação no Ensino Básico e o papel do professor neste cenário, particularmente no que diz respeito à sua função de despertar esta motivação em seus alunos.

Ninguém discute que a figura do professor exerce um papel de muita importância no âmbito educacional, na transmissão do conhecimento e na formação do aluno. O que nem sempre é lembrado é que este professor, dependendo de sua atuação em sala de aula, pode motivar fortemente seu aluno, ou mesmo leva-lo ao desinteresse pelo aprendizado.

Na educação infantil, o professor tem contato com uma das fases mais ricas da criança. Nesta fase, a criança está em pleno desenvolvimento de sua linguagem e sua evolução motora. Esta evolução, que neste período é extremamente dinâmica, propicia um ótimo recurso para o desenvolvimento da criatividade.

É importante que o educador faça da reflexão - sobre os seus atos em sala de aula - uma constante, revendo sua postura como profissional, preocupado com a formação dos alunos, com sua noção de justiça e de cidadania.

O objetivo deste trabalho é, portanto, reforçar a idéia de que o professor, ^{como} enquanto orientador do caminho do aluno para a construção do seu conhecimento, é o principal elemento motivador nesta trajetória. Sua conduta diante das atitudes e das dúvidas de seus alunos irá, de certo modo, nortear todo o processo de ensino-aprendizagem, podendo fazer a diferença entre transformar ato de aprender num prazer ou numa 'obrigação' desagradável.

2 - INTRODUÇÃO

O valor da motivação tem sido realçado em todos os campos da psicologia aplicada. A afirmação do psicólogo Yung, em 1936, de que “todo comportamento é motivado”, vem sendo constantemente usada e confirmada por estudiosos desta área, embora seja passível de discussão, sobre diferentes prismas teóricos. Podemos citar diversas outras definições relacionadas ao termo, como: “motivação é vida” (FALCÃO, 1989:71); “Motivação é um processo interior, no indivíduo, que deflagra, mantém e dirige o comportamento” (CAMPOS, 1972:99); “Motivação é uma força interna, que faz parte da nossa personalidade” (BARROS, 1989:143); “Motivação vem do latim *movere*, e significa “aquilo que faz mover, provoca ação, movimento no indivíduo” (CAMPOS, 1972:95).

2.1 - O PAPEL DO CARINHO

O estudo da motivação humana significa, para o educador, uma preocupação democrática, onde o conteúdo e os métodos da educação devem, sempre que possível, respeitar os motivos individuais e os da comunidade em que o educando vive. Se olharmos sobre o prisma social, veremos que vários fatores, como desemprego, fome e miséria, problemas familiares, podem contribuir para o indivíduo mostrar-se desmotivado e desinteressado.

No que se refere à criança, na Educação Infantil fase pré-escolar, a motivação deve ser particularmente bem trabalhada, pois esta fase envolve pleno desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e cognitivas, em geral. Com o passar dos anos, à medida que a criança amadurece, ela vai demonstrando evoluções em sua capacidade de raciocínio lógico, de linguagem, experimentação e reflexão. Esta fase é cheia de descobertas e avanços, sendo ideal para que se desperte o interesse da criança. O ideal é deixar que a criança ‘descubra’, experimente e construa seu conhecimento, que o resultado da sua comunicação com o professor possa motivá-la cada vez mais, e que, através das interferências adequadas do professor, ela conquiste a autonomia e uma dose saudável de autoconfiança.

Dentro deste objetivo, um elemento fundamental é o carinho, que deve sempre ser exercido pelo professor – além dos pais, obviamente – perante a criança, mesmo – e principalmente – diante das falhas e erros desta. Faz muita diferença, no momento de corrigir uma falha ou repreender um erro da criança, lembrar sempre de fazê-lo com carinho. Como afirma Machado, em sua obra “Toda Criança Nasce Gênio”: “Carinho dá confiança. Confiança permite experimentar, sem medo. E experimentar ajuda a moldar a inteligência.”. Esta idéia é defendida por diversos outros pesquisadores.

2.2 - RESPEITANDO AS DIFERENÇAS

Na afirmação “A criança não é um pequeno adulto” (PIAGET 1986:10) expressa, de modo claro, que a criança tem um desenvolvimento diferente do adulto, principalmente no que se refere ao processo de aprendizado. Do mesmo modo que os adultos, a criança necessita de incentivo e respeito, mas além disso, o professor não deve se esquecer do fato de que cada criança tem um ritmo próprio, e isso deve sempre ser levado em consideração pelo educador. Para isso, a observação é uma ferramenta vital. É fundamental observar e conhecer bem cada criança, seus interesses, seus medos e, como não poderia deixar de ser . . . seus motivos.

Observar é importante, mas o educador deve lembrar-se que – assim como os pais, e talvez tanto quanto estes – está sendo constantemente observado. É necessário que os professores saibam se posicionar diante da criança. A palavra chave é ‘exemplo’. Este posicionamento é mais crucial diante da criança que se encontra na fase entre 2 e 7 anos.

Uma postura correta (e, acima de tudo, coerente com os valores que são transmitidos) por parte do professor pode levar a criança a despertar para o convívio social, mostrando-lhes, regras de convivência e socialização. Isto pode fazer a diferença entre um sentimento de que certas ‘regrinhas’ são apenas teoria que ‘sai da boca dos adultos’, enquanto que a prática funciona de outra forma, ou o sentimento de que os adultos (ao menos aqueles que são mais respeitados) realmente respeitam tais ‘regras’, a maior parte do tempo, e que vale a pena um certo esforço para segui-las também.

Jean Piaget (1986:13) afirma que esta faixa de idade “é uma fase das relações sociais de submissão ao adulto”. Entendemos o lado social como sendo aquele conjunto de experiências e entendimentos que levam a criança a aprender a respeitar o espaço dos outros, além de

reconhecer e garantir seu próprio espaço. O processo de socialização inicia-se bem cedo para a criança. Podemos dizer que desde o nascimento estabelece-se este tipo de troca, de comunicação no relacionamento com outras pessoas.

Justificativa

O processo ensino-aprendizagem é o tema mais pertinente na atividade do professor. Jon Dewey afirma que: “se o aluno não aprendeu, o esforço do professor foi uma tentativa de ensinar, mas não ensinou. Assim como, no comércio, se o freguês não chegou a comprar, o comerciante não pode dizer que vendeu”. Costuma-se definir aprendizagem como mudança de comportamento, no sentido mais amplo que esta palavra possa ter. De um modo ideal, a aprendizagem deverá integrar “o lado lógico e o intuitivo, o intelecto os sentimentos, o conceito e a experiência, a idéia e o significado” (ROGERS, 1986: 28).

A motivação é um aspecto preponderante na aprendizagem. Sem motivação, o indivíduo não dará o melhor de si na construção de seu trabalho, não desenvolverá os sentimentos de auto-realização e de auto-estima. Entretanto, um aspecto psicológico que deve ser considerado, é que a motivação, em muitos momentos, é um processo que vem ‘de dentro para fora’. Nestes momentos, diz-se que a motivação é intrínseca. Segundo campos, “Motivação intrínseca é inerente ao objeto da aprendizagem, à matéria a ser aprendida, à atividade a ser executada, não dependendo de elementos externos para atuar na aprendizagem. Derivando-se da satisfação inerente à própria atividade de aprender, está presente e é sempre eficiente” (Campos, 1972: 102).

Segundo Jean Piaget (1986:28), na fase de 2 a 7 anos, o desenvolvimento da criança – mais especificamente o desenvolvimento da linguagem – é muito extenso, e as condutas da criança são profundamente modificadas, no que se refere aos aspectos afetivos e intelectuais. Além de todas as ações reais ou materiais de que é capaz (como já era no curso do período precedente), a criança adquire novas e importantes capacidades. Torna-se, graças à linguagem, capaz de reconstruir suas ações passadas, sob forma de narrativas, e de antecipar suas ações futuras, pela representação mental. Incrementa-se fortemente o processo de troca entre os indivíduos, ou seja, dá-se praticamente o início da socialização. Pode-se afirmar, de certo modo, que se dá a aparição do pensamento propriamente dito, que tem como bases a linguagem, o sistema de signos e, fundamentalmente, a interiorização da ação como tal. Esta

última, que até então era puramente preceptiva e motora, pode, daí em diante, reconstruir-se no plano intuitivo, das imagens e das experiências mentais.

Sob o ponto de vista afetivo, segue-se uma série de transformações paralelas, como o desenvolvimento de sentimentos interindividuais, afetos e desafetos, que começam a se organizar de forma mais estável que nos primeiros estágios da vida.

Durante o período que vai dos 2 aos 7 anos, a criança é considerada como 'naturalmente egocêntrica', e necessita de incentivos constantes ao desenvolvimento de algumas capacidades. Por exemplo: o processo de socialização começa a se dar, praticamente, quando a criança aprende a comunicar-se com seus colegas. Entretanto, a comunicação nem sempre é fácil, e particularmente seu início pode apresentar algumas barreiras, de modo que algumas crianças simplesmente não o farão, se não o sentirem necessário. Por isto, esta comunicação pode, e deve, ser incentivada através de jogos, tarefas em grupo, etc. Este é um dos papéis mais importantes da escola, e do trabalho dos professores.

Diante destes argumentos, fica claro que o tema motivação é de grande interesse para a o campo da Educação – além da Psicologia, logicamente –, principalmente no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem, de um modo geral, e, crucialmente, nesta etapa do desenvolvimento da criança: esta fase é fundamental para desenvolvimento psicológico e social da criança, e a motivação da criança para alcançar e intensificar este desenvolvimento deve ser observada, estudada e cultivada a qualquer preço.

Situação problema

O comportamento cotidiano é muito complexo, já que freqüentemente se busca a satisfação simultânea de mais de um motivo e, obviamente, nem sempre isso ocorre. Muitas vezes poderá haver conflito de motivos e, conseqüentemente, de objetivos. Com isso, é comum haver confusão a respeito dos objetivos que devem ser alcançados.

Este mecanismo, que pode parecer teórico, pode ser ilustrado por uma das situações mais corriqueiras dentro de uma sala de aula: por exemplo, um aluno pode estar interessado no tema da aula, enquanto seus colegas estão envolvidos em alguma brincadeira. Ao mesmo tempo, também interessa também a este aluno participar da brincadeira, por esta ser interessante em si, ou também para sentir-se integrado no grupo. Pronto: está criado um conflito de interesses na cabeça do aluno, que ou segmenta a sua motivação, prejudicando seu rendimento.

Esta situação ilustra a importância do problema que é compatibilizar os diferentes motivos, sobretudo os de natureza social. Cada pessoa já possui, enquanto indivíduo que é, suas necessidades e motivos individuais, e como ser social que é, mais uma série de motivos e necessidades sociais. Se possível ao menos sincronizar os interesses – no caso do exemplo anterior, isso equivaleria a transferir a brincadeira para outro momento, garantindo aos alunos que mais tarde poderiam ‘aproveitar’ o prazer desta, e liberando o momento atual exclusivamente para a atenção na aula – já seria um gigantesco passo em direção à melhoria da comunicação, e conseqüentemente, do rendimento do aluno.

O ponto é que, para isso, o professor deve estar constantemente atento à criança e às suas reações, e sabemos, que infelizmente, na maioria das vezes isto não acontece. Por uma série de motivos complexos, que envolvem inclusive causas econômicas e sociais, o professor esquece que, para que sua aula renda bons frutos, a criança deve estar motivada, ficando a seu cargo incentivar a criança a se voltar para a direção das atividades propostas e interessando-se em desenvolvê-las. E sabemos que, infelizmente, muitas vezes o principal motivo para isso é que o próprio professor encontra-se desmotivado. Esta é, sem dúvida, uma questão maior, mais complexa e que, para ser discutida com mais profundidade, envolveria uma série de assuntos que fogem aos objetivos deste trabalho.

O professor pode ser responsável pela não motivação da criança, e até mesmo pelo seu desconforto em sala de aula e, com isso, as atividades não serão produtivas para ambos. As

condições de saúde física, alimentar, mental e emocional da criança influenciam sobremaneira no seu desempenho e na sua capacidade de raciocínio e discernimento, de modo que não deve nunca um professor avaliar uma criança sem antes fazer um atento estudo do caso de seu aluno.

Questões levantadas

Diante deste panorama, e da necessidade evidente de compreender os mecanismos da motivação em sala de aula, e de aprender a estimulá-la, algumas questões podem ser levantadas, que nos ajudem a compreender melhor o assunto:

- A) A personalidade do professor exerce influência forte sobre a motivação do aluno?
- B) Quais os meios mais comumente utilizados pelos professores para influenciar as experiências vividas, em sala de aula, pelos seus alunos?
- C) De que formas a escola, e todo o ambiente que a cerca, pode tornar-se ainda mais motivadora para o educando?

Leve respondê-las!
Não retirar essas
questões ao longo do
texto.
Esquecer delas
computar.

Objetivos

Objetivo geral

Analisar a influência da motivação no processo de ensino- aprendizagem da criança, sobretudo na fase de 2 a 7 anos (educação infantil).

Objetivos específicos

1 - Investigar a função da motivação.

2 - Investigar a contribuição do professor no desenvolvimento e na manutenção da motivação, dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Os objetivos acima são aprofundados e desenvolvidos ao longo do trabalho, que sintetiza a pesquisa realizada sobre o assunto, baseada sobretudo em estudo bibliográfico e análise dos dados e resultados da pesquisa bibliográfica. Não haverá co-participação nem pesquisa de campo.

2.3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

desenvolheu em outro ponto.

O papel da escola e do professor, tanto na aprendizagem quanto na socialização da criança, é fundamental. Na escola, mais propriamente em sala de aula, a criança começa a conviver com outras pessoas, a aprender a respeitar o espaço dos outros, a entender seus limites e direitos, individuais e coletivos.

Segundo Elkind (1970:32), "o mundo animado é o primeiro a prender a atenção das crianças nesta fase". Só após começar a desenvolver certa familiaridade com o mundo animado, ela se volta para o mundo inanimado: para o sol, a lua, as estrelas, e para os problemas de quantificação e classificação. Estas etapas geralmente refletem a transição para o raciocínio elementar, dos primeiros anos de escola. Isto ocorre por volta de 5 a 6 anos.

É importante a compreensão das comunicações não verbais da criança. O modo como uma criança se sente e se movimenta, o tom de sua voz, seus hábitos, comunicam tanto quanto as suas produções verbais (ou, em algumas idades, muito mais).

“O professor deve ser sensível a todos os planos de comunicação, se verdadeiramente deseja compreender e relacionar-se com seus alunos” (ELKIND, 1970).

A pertinência desse trabalho consiste na importância que a motivação exerce na aprendizagem da criança. Na fase da educação infantil, a criança é bastante suscetível e influenciável pelo adulto, no qual esta se espelha. Podendo ser, estes adultos, os pais, os professores, etc. A criança, quando motivada por este(s) seu(s) espelho(s), freqüentemente tem um excelente rendimento escolar, e tem seu poder de discernimento ampliado, significando que está em processo de desenvolvimento e de transformação. Daí a relevância da prática do professor em sala de aula. Este deve, além de estar constantemente alerta, aceitar as transformações que ocorrem com a criança. Deve respeitar o nível sócio-econômico de cada aluno, como também as experiências individuais.

2.4 - METODOLOGIA

Descrição do método

O método de pesquisa empregado no presente trabalho é o descritivo. A técnica empregada foi a revisão bibliográfica.

Ações práticas sugeridas ao professor

- O professor deve estar atento, e fazer um estudo detalhado de cada um dos seus alunos.
- Deve planejar suas atividades sempre levando em consideração a realidade do aluno: seu nível sócio-econômico, idade e interesses.
- O professor deve fazer uma sondagem de interesses de cada um de seus alunos, principalmente a partir de jogos, nos quais as crianças possam manifestar suas vontades e suas tendências a determinados direcionamentos para a aprendizagem. Sempre atento às comunicações não verbais da criança.
- Deve tentar manter uma atmosfera de independência, liberdade, autoconfiança, criatividade e responsabilidade. Segundo Rogers, “a criatividade desabrocha em uma atmosfera

de liberdade. A avaliação externa é grandemente infrutífera quando a finalidade é o trabalho criativo. Se uma criança deve crescer e tornar-se independente e autoconfiante, é preciso proporcionar-lhe, desde cedo, oportunidades, tanto de fazer seus próprios julgamentos e ponderar sobre seus próprios erros, como de avaliar as conseqüências de tais julgamentos e escolhas. O mesmo se aplica ao aluno em sala de aula. A autocrítica e a auto-avaliação são fundamentais para ajudar o aluno a ser independente, criativo, crítico e autoconfiante". (ROGERS, 1969, p 103-4).

Tipo de estudo

Como descrito anteriormente, a pesquisa realizada é baseada principalmente em um estudo bibliográfico, valendo-se também da análise dos dados e resultados dos livros. Não houve participação de outras pessoas na realização desta pesquisa.

3 - DESENVOLVIMENTO

É necessário que o professor fique atento para o lado 'motivacional' do ensino, ajudando-o a estabelecer uma hierarquia de valores, além de descobrir a maneira mais adequada para atingi-los. Na fase da pré-escola, é importante diversificar seus objetivos, a fim de favorecer ainda mais o pleno desenvolvimento do aluno. Teóricos como Piaget e Rogers e seguidores das teorias 'behaviorista' e 'gestaltista' travaram grandes discussões a respeito da importância da motivação na aprendizagem.

No que se refere à aprendizagem, a Psicologia da gestalt vê no relacionamento da criança com o professor, em sala de aula, uma importância preponderante para se entender o processo ensino-aprendizagem, além de como a motivação se constrói na criança. Outro pensador de fundamental importância para o entendimento do processo de desenvolvimento da criança – e de sua motivação – é Carl Rogers. Como outros, ele levanta o ponto de que a prática do docente em sala de aula deve ser mais responsável, mais crítica, utilizando-se particularmente dos conceitos da teoria da gestalt e da teoria rogeriana.

A visão humanista de Carl Rogers considera o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem. A criança não é uma mera receptora de conceitos e conteúdos. Na verdade, o conhecimento não é transmitido. O professor é um facilitador, que auxilia no processo orientando a criança a trilhar o caminho de busca deste conhecimento. E esta deve se posicionar de maneira ativa, sendo sujeito do processo. O professor ajuda a criança a se desenvolver e exteriorizar suas potencialidades.

3.1 - A VISÃO DA GESTALT

A Psicologia da Gestalt surgiu na Alemanha, por volta de 1910, a partir de trabalhos experimentais dos cientistas Max Wertheimer, Wolfgang Koler e Kurt Kofka. A palavra alemã *gestalt* não possui uma tradução imediata para o Português, mas corresponde aproximadamente às palavras: forma, figura, estrutura, todo, padrão ou configuração.

Para os gestaltistas, a aprendizagem é um processo de aquisição ou mudança, de *insights*, de perspectivas ou de padrões de pensamento. Estes, ao pensarem os problemas da aprendizagem, preferem usar os termos pessoa em vez de organismo, ambiente psicológico em vez de ambiente físico ou biológico, e interação. Estes conceitos são vantajosos para os professores, já que os tornam aptos a enxergarem, em tempo real, a interação da pessoa com o ambiente: tudo ocorre em um só tempo.

Carl Rogers (1966:72) afirma que a “prática docente, a educação, deve ser centrada na pessoa”. Trata-se de algo que se desenvolve dentro da gente. Trata-se de um conjunto de valores, difíceis de atingir, que dão ênfase à dignidade do indivíduo, à importância da escolha pessoal, à significação da responsabilidade, à alegria da criatividade. É uma filosofia construída sobre os fundamentos de vida democráticos, sobre a idéia de “dar poderes a todos os indivíduos”.

Para os psicólogos gestaltistas, toda percepção é uma *gestalt*, um “todo que não pode ser compreendido pelas partes”. O todo que é mais que a soma das partes, e tem um caráter global, sendo que esse todo depende também, e principalmente, das relações entre as partes.

Os princípios desenvolvidos a respeito da percepção auxiliam grandemente na compreensão do fenômeno da aprendizagem. O psicólogo Ogdner, em seu livro “*Psychology and Education*”, apresenta considerações importantes sobre o assunto. De acordo com a Psicologia da Gestalt, há vários modos de aprendizagem: por gradação, diferenciação, assimilação e redefinição.

O comportamento é uma função da situação total, uma pessoa age interagindo em um campo de forças psicológicas que inclui propósitos e objetivos, interpretação de objetos físicos relevantes e acontecimentos, lembranças e antecipações. A motivação não pode ser descrita meramente como impulso para a ação, disparado por um estímulo, mas emerge, isto sim, de

uma situação psicológica dinâmica, caracterizada pelo desejo de fazer algo. Os psicólogos 'gestaltistas' vêem a motivação como um produto do desequilíbrio no espaço vital. O espaço vital inclui objetos e barreiras a serem superadas. Um objeto pode ser positivo ou negativo – algo que se quer obter, ou algo que se quer evitar. Quando aparece uma barreira, isto é, qualquer obstáculo à obtenção direta e imediata de um objetivo, a pessoa sente tensão. A motivação é a tendência para libertar-se da tensão, continuando em direção ao objeto e superando qualquer barreira que se apresente.

O professor de orientação 'gestaltista' se vê preocupado com o problema do envolvimento pessoal, isto é, ajuda aos alunos a verem a necessidade de aprender. Os objetivos pessoais dos alunos serão muitas vezes relevantes. O professor deverá organizar a situação do processo ensino-aprendizagem de modo que os alunos adotem objetivos inteiramente novos. Se a criança não perceber a necessidade de aprender algo, não aprenderá. Ou, no máximo, aprenderá somente de modo transitório e funcionalmente útil.

3.2 - O COMPORTAMENTO MOTIVADO

Segundo Bruner, a palavra 'motivo' é usada na linguagem comum com o sentido de causa. O estudo dos motivos, realizado pela psicologia, tem por finalidade determinar as causas das novas ações.

Novas ações são causadas por duas espécies de forças: as fisiológicas e as sociais (que correspondem invariavelmente ao desejo de agradar às pessoas com que vivemos).

Os psicólogos adotaram a palavra motivo para designar tanto as forças sociais como as forças fisiológicas que levam o ser humano a agir. A palavra motivo é usada quando nos referimos ao comportamento humano. As forças que levam os animais a agirem são denominadas impulsos e instintos.

O psicólogo Abraham Maslow apresentou importantes idéias sobre o que seja motivação. Sugeriu que o homem tem alguns motivos primários, que vão desde os inferiores até os superiores. Primeiramente, temos os motivos fisiológicos, como a fome, depois, e os de segurança e sobrevivência. A seguir, os motivos de amor, os de estima e, finalmente, os de auto-realização.

Segundo Maslow, quanto menor for o motivo, tanto mais crucial ele é para a sobrevivência. A hierarquia refere-se também à ordem de aparecimento dos motivos no desenvolvimento do indivíduo. Os motivos fisiológicos aparecem primeiro, os de auto-estima mais tarde, e os de auto-realização, mais tarde ainda. Se, por ventura surgirem. Logo, vê-se que no ponto mais elevado da hierarquia encontram-se as necessidades ligadas à auto-realização, que incluem, entre outras coisas, o desejo de conhecer e compreender, e as necessidades estéticas. Quando o ser humano percebe que realizou suas necessidades mais básicas (aquelas dos níveis inferiores), seguindo-se a hierarquia, volta-se para as necessidades do "topo", encontrando-se no que alguns chamam de "motivação do crescimento", porque são aquelas voltadas para as 'necessidades do ser', ou, em outras palavras, voltadas para sua auto-realização. Enquanto a pessoa sente-se em déficit com suas necessidades básicas, volta-se para questões como sua sobrevivência e sua segurança; quando a pessoa as satisfaz, volta-se para sua auto-realização ou crescimento.

Para Maslow, o professor, acima de tudo, deve propiciar ao aluno a busca de seu crescimento e de sua auto-realização. Para tanto, deve permitir a auto-expressão do aluno, a ação espontânea, a experiência e os erros. Deixá-lo ver-se. Isso pode estimulá-lo a trabalhar persistentemente, absorvido numa tarefa de aprendizagem frutífera e educativa. As crianças em fase de pré-escola são as que precisam ser mais motivadas e vistas pelo professor, devido ao seu estado de intensa transformação, desenvolvimento e descobertas.

“A Motivação depende da personalidade e das experiências de vida passadas. Por outro lado, os incentivos presentes, num determinado momento, poderão influenciar o comportamento, como: fatores ambientais, capazes de satisfazer os motivos correspondentes. Personalidade é o conjunto de novos modos de agir, especialmente com o outro”

(BARROS, 1989:116).

Segundo Barros (1989:1180), os processos básicos da vida, a produção de energia, o crescimento do corpo e a reparação de tecidos danificados dependem de um delicado conjunto de condições químicas nas células de qualquer organismo. Contudo, o organismo vive também num meio externo cujas condições estão mudando constantemente: as provisões de alimento se esgotam, a água inexistente ou não está ao alcance, a temperatura oscila, etc. Alguns motivos importantes para os seres humanos são usualmente classificados como homeostáticos.

Geralmente, as condições que provocam desequilíbrio homeostático dão origem a uma diversidade de motivos psicológicos, cujos objetivos são a recuperação ou a manutenção do equilíbrio interno. Este equilíbrio é da maior importância para a sobrevivência biológica. Esta idéia, chamada de modelo homeostático, parece bastante lógica, e tem exercido um forte impacto sobre o pensamento psicológico. Alguns psicólogos afirmam que a homeostase é, direta ou indiretamente, a base de toda motivação humana. “O conhecimento da motivação é a chave do controle do comportamento humano” (ANGELINI, 1973:110)

3.3 - INTERAÇÃO ORGANISMO-AMBIENTE

O fenômeno da subjetividade

(Resumido de Lagache, D., "Éléments de psychologie médicale", In Encycl. Médico-chirug., Psychiatrie, T.I. Paris, 1955).

"As novas idéias de psicologia orientam para as interações do organismo e do meio, especialmente para os processos de comunicação e fenômenos de intersubjetividade.

As oposições antitéticas de conceito foram substituídas pela noção de sua implicância recíproca. Por exemplo, as oposições organismo-meio ambiente; indivíduo-sociedade etc. O desenvolvimento da personalidade aparece como uma socialização progressiva".

Os problemas da representação, das relações e da comunicação com os outros tornam-se representativos para a psicologia atual.

A psicologia contribuiu para o destaque da interdependência do organismo e do meio; chegou-se assim à integração das duas noções numa representação de conjunto.

As mesmas tendências de pensamento revelam-se naquilo que a psicologia moderna faz com os conceitos organismo e personalidade: um , com conotação mais geral mais biológica; outro, com uma conotação mais especificamente humana e psicológica.

As relações dos aspectos físicos e moral têm sido um problema para a psicologia clássica, problema ligado à separação que se opera entre fenômenos psíquicos e os fenômenos materiais. Desenvolvem-se estes no corpo ou no meio físico e social?

Assim expresso, o problema leva a posições doutrinárias insatisfatórias, já que o organicismo pretende explicar, por meio de determinantes somáticas, a totalidade ou maioria dos fenômenos da personalidade e da conduta.

Esse conceito é antiquado se considerarmos as possibilidades da idéia da interação do organismo com o meio ambiente entendido como um todo.

A principal característica dos organismos vivos é sua capacidade de manter sua existência como sistema único, no qual são necessários não só ações fisiológicas, mas também condutas dirigidas a objetos exteriores ou sobre o próprio organismo.

Allport diz: "Personalidade é a organização dinâmica no interior do indivíduo, dos sistemas psico-físicos que determinam seus ajustes únicos ao meio".

A necessidade de clareza e precisão levou os psicólogos à oposição de organismo e meio, considerando este último como fonte de ações modificadoras que se exercem sobre um organismo, compreendidas aí as influências (sociais e educativas) por oposição às condições hereditárias.

Segundo Piéron, o "entorno" designa o conjunto de condições especialmente distribuídas em torno do organismo, com interação, constituindo o complexo unitário organismo meio, e o termo meio ambiente designa especialmente o meio social imediato, o meio humano. O termo "situação" designa mudanças do complexo organismo-meio ambiente, no qual o meio ambiente é o agente. A noção de situação não pode ser aprofundada independente do organismo em situação. A idéia de uma situação psicológica objetiva, real, que tenha uma situação independente do organismo só é válida para aqueles aspectos abstratos e gerais; mesmo quando muitas pessoas se encontram implicadas na mesma situação, a situação não é concebível independente dessas pessoas. Isso vale também para uma conduta relativamente parcial. Por exemplo, no caso da percepção, um agente físico não se constitui em estímulo senão para um organismo cuja estrutura e estado presente possibilitam a sua percepção.

"Inversamente, não há organismo que não esteja em situação".

Os termos "conduta" ou "comportamento" conotam as modificações do campo psicológico cujo agente é o organismo.

O termo "conduta" introduz, além disso, considerações de "motivação", de "significação".

Conduta é o conjunto de operações (fisiológicas, motoras, verbais, mentais) pelas quais um organismo em situação reduz as tensões que o motivam e realiza suas possibilidades.

Na definição anterior, a expressão "conjunto de operações" resume a idéia de que o conceito de conduta não exclui nenhuma operação do organismo: além disso, essas operações formam uma totalidade estruturada. Essas operações podem ser aplicadas ao próprio

organismo (autoplásticas, “interoafetivas”) ou ao meio ambiente (aloplásticas, “exteroafetivas”) e podem ser concretas ou simbólicas.

A comunicação é o tipo de conduta pela qual um sujeito emissor participa a um sujeito receptor um significado, operando assim transformações diretas e indiretas na consciência e na conduta do segundo sujeito.

A comunicação é a condição necessária da interação, e toda interação é, de certo modo, uma comunicação. Por isso, embora se oponham comunicações verbais e não-verbais, é preciso distinguir condutas que são por sua essência condutas de comunicação (linguagem verbal, mímica) e condutas cuja função de comunicação procede de seu caráter interativo; por isso mesmo, sem a intenção de comunicação, minha presença altera a conduta do outro e reciprocamente” (Patrícia Stokoe e Rut Haf: 115 à 119/1988).

3.4 - A VISÃO HUMANISTA

O professor como mediador, e suas possíveis contribuições

A abordagem humanista, considera o aluno como pessoa, o importante é a auto-realização da pessoa. O ensino deve facilitar a auto-realização o crescimento pessoal.

Carl Rogers desenvolveu suas idéias sobre ensino-aprendizagem ao longo de seu trabalho e, sua experiência como psicólogo, sua terapia é centrada no “cliente”- preferindo o termo “cliente” a paciente porque o primeiro enfatiza uma participação ativa, voluntária e responsável do indivíduo nas relações terapêuticas -. Sua abordagem é basicamente humanística e visa a aprendizagem “pela pessoa inteira”, uma aprendizagem que transcende e engloba os três tipos gerais de aprendizagem (cognitiva, afetiva e psicomotora).

Rogers acredita que o organismo humano tende, inerentemente, à manutenção de si mesmo e á procura do engrandecimento; ou seja o organismo tende à auto-realização. O homem é inerentemente bom e orientado para o crescimento: sob condições favoráveis, não ameaçadoras, procurará desenvolver suas potencialidades ao máximo.

Ele vê a facilitação da aprendizagem como o objetivo maior da educação. A curiosidade natural do aluno deve ser incentivada pelo sistema educacional - “O aluno tem um desejo natural de aprender e esta é uma tendência na qual podemos confiar.” (ROGERS: 1988:68).

O papel do professor no processo ensino-aprendizagem é fundamental. Quando este tem capacidade de compreender as reações do seu aluno e possui uma consciência sensível da maneira pela qual o processo da aprendizagem ocorre, então, ele aumenta as probabilidade de uma aprendizagem significativa.

O professor é um facilitador da aprendizagem, e assim, aprecia os sentimentos e as idéias de seus alunos, respeitando-os. O clima de cordialidade e empatia é fundamental para um bom relacionamento.

O professor deve levar o seu aluno a criar, a escolher suas próprias direções e descobrir seus próprios recursos de aprendizagem; decidir sobre seu próprio curso de ação, desenvolver a responsabilidade, vivendo as conseqüências de cada uma de suas escolhas. Só assim a aprendizagem significativa será maximizada.

As crianças devem ser confrontadas com temas que tenham significado e relevância para elas. Em nossa cultura, tentamos isolar os alunos dos problemas reais. Se o que se deseja é ter pessoas que aprendam para serem livres e responsáveis, é necessário que estas se confrontem e enfrente seus problemas.

Um dos meios mais eficazes de promover a aprendizagem consiste em colocar o aluno em confronto "experencial" direto com problemas práticos - de natureza social, ética e filosófica ou pessoal - e com problemas de pesquisa.

"É adequado a qualquer professor tentar saber dos estudantes quais os problemas e temas que lhes são reais, e também, relevantes". (ROGERS, 1986:156)

As crianças são intrinsecamente motivadas em alto grau. Muitos elementos do meio ambiente constituem desafios para eles. São curiosos, ávidos por saber, descobrir, e resolver problemas. Uma das negativas de nossa educação é de não conseguir manter o aluno com esse mesmo entusiasmo inicial, este quando passado um certo número de anos na escola, perde sua motivação intrínseca. A tarefa do professor, facilitador, é descobrir desafios correspondentes a realidade do aluno e aplica-los nos momentos oportunos a experimentação.

O professor comprometido com a sua prática em sala de aula, desafia a si mesmo fazendo tentativas, pesquisando, e descobrindo formas de atuar, com seus alunos, de modo que, favoreça aos seus alunos a descobrir e pesquisar e, a procurar novos desafios.

A comunicação do professor com o aluno na sala de aula

Segundo Nilda Alves (1992:17) a comunicação é um elemento indispensável no processo ensino-aprendizagem. O Professor deve ser o indivíduo que leva a sua mensagem aos alunos, num meio propício ao desenvolvimento de todas as suas capacidades. Em teoria da comunicação, aquele que emite a mensagem é o comunicador ou o emissor; o que recebe a mensagem é o receptor. Portanto, no processo de ensino-aprendizagem, o comunicador é o professor e o receptor é o aluno. A mensagem é tudo o que se entrega de ensinamentos, experiências de vida ou de atividades. Dependendo do tipo de educação que se pretende

oferecer, a formação profissional do educador será diferente, variando também o seu comportamento como comunicador.

“O professor é um comunicador muito especial”. (ALVES, 1992:2)

A tarefa de ensinar em qualquer grau, é uma responsabilidade muito grande, mas parece-nos ainda muito maior, nos primeiros anos de vida da criança, isto porque, como a psicologia moderna demonstra, os seis primeiros anos de vida são realmente importantes e decisivos. Se o professor não tiver um conhecimento seguro das fases do desenvolvimento mental da criança, se não souber o que ela tem capacidade ou não de fazer em determinada idade; se não for criativo para preparar o ambiente propício, para interessar seus alunos; preparar o material adequado às aulas e, às atividades que pretende desenvolver, com as crianças, com as quais atua, se não se propor à criar, inventar e promover, a motivação dos alunos, à aprender; se não compreende que a criança pensa diferente do adulto e quer exercitar suas capacidades a seu modo, esse professor correrá o risco de deforma a criança ao invés de forma-la.

O professor é o responsável pelo chamado “clima psicológico” da sala de aula. (ALVES, 1992: 127). Isto é o professor poderá tornar o sua sala de aula agradável, motivando as crianças, ou então, poderá devido ao sue clima não amigável, tornar suas aulas insuportáveis. Devido ao despreparo de muitos professores, algumas crianças carregam, por toda a vida escolar, erros difíceis de superar tem problemas emocionais sérios e chegam a não gostar de estudos e detestar a escola. São formas de violência que inconscientemente, o professor comete, como por exemplo, ao negar a oportunidade à criança de fazer uma tarefa a seu modo, experimentar um brinquedo fora do horário programado ou falar sobre um problema que a está preocupando. Para os adultos, estes fatos podem parecer insignificantes. Porém, para uma criança pequena, estas situações podem atingir proporções de uma tragédia.

Segundo Drouet (1990:102), a didática da educação pré-escolar é a disciplina que tem como finalidade capacitar o futuro professor a adquirir técnicas, estratégias e habilidades para ensinar. Essas técnicas, no entanto, são diferentes para cada tipo de pré-escola. Se a finalidade da pré-escola é preparatória, ou seja se o professor tem como objetivo principal fazer com que seus alunos ao final do curso pré-escolar, estejam preparados para entrar no 1^o ano do ensino fundamental e que realmente já saibam ler e escrever, ele deverá utilizar muitos exercícios com papel e lápis que são os chamados exercícios de coordenação motora

fina ou de caligrafia. Deverá também desenvolver atividades que obriguem a criança prestar a atenção, a ter noção de lateralidade, a ser capaz de copiar modelos, de preencher gravuras com cores, sem sair dos limites dos desenhos etc. Além de passar exercícios para casa e dar provas periódicas com notas. Todos os exercícios e atividades do curso principalmente do “prezinho”, devem ter como objetivos habilidades e capacidades necessárias à leitura e à escrita, uma vez que, o que se pretenda é preparar a criança para a futura escolarização. Esse tipo de pré-escola tem portanto, um objetivo bem delimitado, restrito e, vale acrescentar, muito pobre. Se, por outro lado a orientação escolhida for o de desenvolver integralmente o educando, o professor terá um objetivo muito mais amplo, ou seja desenvolver todas as capacidades da criança, tanto em seus aspectos físicos, quanto nos: intelectual, social e emocional. O físico se desenvolve através da ginástica, e boa alimentação; sono e repouso. As habilidades mentais, por sua vez, desenvolvem-se através de jogos e brincadeiras onde a criança sua criatividade e capacidade de pensar, de raciocinar sobre problemas simples como por exemplo: a flutuação dos corpos sob a água, a germinação de sementes, o crescimento de plantas, a criação e observação de pequenos animais, com: pássaros, peixes, coelhos e etc. “A criatividade e a invenção tem papel destacado nessa linha de trabalho do professor” (DROUET, 1990:105).

As habilidades e capacidades para viver em sociedade devem estar sendo sempre trabalhadas e desenvolvidas pelo professor, porque, nesse tipo de pré-escola, a prática é voltada para o interacionismo, pois acredita-se que o indivíduo só pode desenvolver-se bem em interação com o meio ambiente e com os outros.

“O professor é o motivador do processo ensino-aprendizagem”

(ALVES, 1992:42)

3.5 - A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Segundo Moacyr Gadotti (1993:37), o professor é uma pessoa real, quando apresenta-se tal como é, estabelece um relacionamento com o aluno, sincero, sem sustentar aparências ou fachada, tem muito mais probabilidade de ser eficiente. Isto significa que os sentimentos que experimenta estão à seu alcance, estão disponíveis ao seu conhecimento, que ele é capaz de fazer deles algo de si e, eventualmente, de comunicá-los. Significa que se caminha para um encontro pessoal direto com o aluno, encontrando-se com ele na base de pessoa-a-pessoa. Significa que está sendo ele próprio professor e aluno deve estar aberto ao diálogo, colocando-se como pessoa que tem aspirações, propósitos e interesses diferentes ou afins. Considerando esse aspecto, sugere-se que o professor pode ser uma pessoa real, nos contatos com seus alunos. Será um entusiasta ou um entediado, interessado nos alunos ou irritado, será receptivo e simpático, se aceitar tais sentimentos como seus, não precisa impô-los ao seus alunos. Pode gostar ou não do trabalho do estudante sem que isso implique ser objetivamente bom ou mau professor, ou que o estudante seja mau. Simplesmente diz o que pensa do trabalho, um sentimento que sente no seu interior. É assim, para os alunos, uma pessoa, não uma “corporificação”, sem feições reconhecíveis, de uma exigência curricular, ou um canal estéril, através do qual, o conhecimento passa de uma geração para outra. “Professor e aluno devem manter uma relação de cordialidade e respeito” (GADOTTI, 1983:182).

Deve existir confiança básica, que consiste na aceitação de um indivíduo, como pessoa separada, cujo valor próprio é um direito seu, e que, a outra pessoa é realmente merecedora de crédito. Esta, é fundamental para um bom relacionamento entre professor e aluno. Os seres humanos, se sentem motivados quando são despertados, quando estão envolvidos em um mesmo propósito ou objetivos. Entre mestres e discípulos deve haver igualdade de condições e reciprocidade. Estes estão sempre em busca da verdade e, é desta relação com a verdade que, nasce a autoridade do mestre.

Segundo Maria Helena Patto (1985:25) a relação professor-aluno, não se limita à apresentação dos papéis diferentes. Uma vez colocados na sala de aula, professor e alunos, passam a constituir um grupo novo, com uma dinâmica própria e, entre eles se desenvolvem, muitas vezes, intensas relações interpessoais. E nestas relações que o processo de percepção e

avaliação de qualidades pessoais assumem uma importância decisiva. Do ponto de vista formal das relações interpessoais, portanto, a relação professor-aluno não apresenta novidade e pode ser, até uma relação fisicamente estruturada e de pequena significação. A sua importância reside no fato de o professor dentro de sala de aula, atuar como transmissor dos padrões de cultura e ser responsável pela avaliação de algumas qualidades sociais muito importantes para o aluno.

Em alguns aspectos básicos da vida social, auto avaliação é fornecida pela escola; mais importante ainda, pelo menos nas cidades contemporâneas, a escola é o ponto de passagem entre a identificação da família e a identificação mais ampla do grupo social externo. A educação como processo de formação, não se separa da educação como forma de preparar-se para as relações interpessoais. Até que ponto é possível dizer que o indivíduo bem educado através das relações interpessoais terá facilidade nos seus contatos diretos com outras pessoas. E é fácil compreender porque se a imagem que temos de nós mesmo é, em grande parte dada pelos outros, a imagem que temos dos outros depende também, da imagem que temos do nosso eu. A educação para o mundo humano se dá num processo de interação constante, em que nos vemos através dos outros, em que vemos os outros através de nós mesmos.

Educação Infantil
 3.6 - A PRÉ-ESCOLA - (LDB)

Segundo David Elkind (1972:18), durante o período pré-escolar, a principal tarefa cognitiva da criança é a conquista do símbolo. Nesse período, a função simbólica se torna completamente ativa como se a verifica pelo rápido da aquisição e utilização da linguagem, pelo surgimento da brincadeira simbólica e pelas primeiras lembranças de sonhos. Contudo, uma nova capacidade de representação, que liberou o bebê de seu egocentrismo com relação aos objetivos, agora prende a criança de pré-escolar num novo egocentrismo com respeito aos símbolos. No início desse período, a criança não consegue diferenciar entre as palavras e aquilo a que elas se referem, e entre os símbolos que criou para suas brincadeiras e sonhos, e a realidade. As crianças acreditam que o nome é mais inerente à coisa e que um objeto não pode ter mais de um nome.

O egocentrismo desse período é evidente, em particular, no comportamento linguístico das crianças. Quando explica o funcionamento de um aparelho a outra criança, por exemplo, o menino desse estágio usa vários termos indefinidos e não fornece informações importantes. Explica-se isso, às vezes, dizendo-se que a criança não consegue assumir o ponto de vista de outra pessoa, outra razão pode ser o fato de que a criança presume que as palavras carregam muito mais informações do que na realidade o fazem. Acredita-se, pôr exemplo, que até mesmo uma palavra indefinida como “coisa” transmite de algum modo as propriedades do objeto que é usada para representar. Em resumo, o egocentrismo desse período consiste na falta de uma diferenciação clara entre os símbolos e aquilo a que se referem.

“A criança de pré-escolar chega a níveis profundos de egocentrismo”. (ELKIND, 1972:59)

E. Infantil
 A educação na pré-escola é muito importante para o desenvolvimento intelectual e social da criança. Cabe ao professor motivar, estimular a criança no desenvolvimento de sua criatividade, linguagem ou coordenação motora. Esta é uma fase de transformação e descobertas.

idem
 Segundo Orly (1980:39), a educação na pré-escola, pode ser de grande ajuda para o problema de privação cultural do ser global e indiferenciado, convida pelo menos, às tentativas

especulativas, no sentido de interpretar a natureza da deficiência, e de saber como e quando a criança de classe baixa, mais provavelmente será privada de experiências significantes. Um dos aspectos relevantes da vida de crianças de classes menos favorecidas é a aglomeração, ou seja, muitas pessoas vivendo juntas num mesmo espaço, de pequena dimensões, com poucos recursos, tendendo a promiscuidade. A aglomeração, no entanto, pode não ser prejudicial para grande parte do seu 1º ano de vida. Entretanto, durante o segundo ano de vida, as condições de vida num ambiente superpovoado seriam altamente prejudiciais. À medida que a criança começa a atirar objetos e a desenvolver, seus próprios métodos de locomoção, ela está sujeita a atrapalhar, adultos já mal-humorados com seus próprios problemas de sobrevivência. “A crianças de pré-escolar devem ter suas atividades variadas” (ASSIS, 1980:121)

A educadora Maria Montessori, em suas pesquisas, desenvolveu um trabalho que quebrou a rotina na educação de crianças nessa fase. Afirma que não havia sentido fazer com que as crianças realizassem as mesmas tarefas na escola, ao mesmo tempo. Cada criança de ^{criança} ter liberdade para fazer aquilo que mais lhe interesse. Isto significa que esta, tem liberdade para persistir numa dada tarefa durante o tempo em que estiver interessada, podendo mudar de atividade sempre que a mudança lhe parecesse apropriada.

E. Infantil **A importância da fase pré-escolar**

Segundo Droeut (1990:30), ao examinarmos a educação ~~pré~~-escolar através dos tempos, verificamos que, embora as suas finalidades e objetivos fossem mudando com as novas solicitações de uma sociedade em transformação ela sempre se mostrou necessária. Quando ainda era uma educação informal, dada no seio da família pelos pais, e outras pessoas responsáveis, era indispensável para a criança que se iniciasse, nas primeiras “noções de coisas”, e também nos afazeres domésticos, tanto do lar quanto do campo. Depois, já formalizada, foi sentida como a iniciação aos conhecimentos necessários a toda vida futura: economia, cálculo, cronologia e etc.

Quando as mulheres começaram a precisar deixar seus filhos em casa, para trabalhar nas fábricas, surgiu a necessidade da educação pré-escolar, como uma forma de “refúgio”. Foi neste momento que se iniciou a preocupação com a educação de crianças nesta faixa etária.

Mais tarde, mesmo as famílias mais abastadas passaram a matricular os seus filhos nos jardins-de-infância para que tivessem diversão, adquirissem boas maneiras, fizessem trabalhos manuais e, principalmente, fossem socializados, isto é, aprendessem a viver em sociedade. Quando se pensou em saúde mental, prevenção das moléstias mais comuns, da infância e diagnóstico e tratamento de e distúrbios de aprendizagem, mais uma vez foi a educação pré-escolar que antecedeu a escolarização regular que se revelou de extrema validade para atingir esses objetivos.

Segundo Ruth Droout (1990:47), na década de 60, nos EUA, e na década de 80 no Brasil, quando, se procurou um meio de evitar o excessivo número de repetentes, e diminuir o número de evasões escolares na 1ª série, buscou-se na educação na pré-escola a solução desses problemas, realmente graves, principalmente nos países subdesenvolvidos. A educação pré-escolar passou a ser encarada como medida profilática da carência cultural ou como educação compensatória, re-avaliativa dessa mesma carência, ou ainda como preparação para a escola de 1º grau, visando o sucesso nos estudos. Pode-se assinalar também nesse período, os movimentos reivindicatórios de creches, feito pelas mulheres que trabalham em período integral e que, portanto, precisam de quem cuide de seus filhos, também por período de oito horas. Essas creches ou berçários situados junto à fábricas ou parques infantis, sem dúvida alguma possibilitam o trabalho feminino com muito mais segurança material e emocional tanto para as mães como para as crianças.

Segundo Elkind (1972:61), os professores, devem pensar na pré-escola primeiros meses, preparando-se para a vida e não somente para a escola de 1º grau. Daí a sua importância: pode-se considerá-la como o período mais propício para uma ação educativa formal ou informal, que tenha como finalidade o aproveitamento dos primeiros anos de vida da criança, que são de um dinamismo intenso, para estimular e desenvolver todas as suas capacidades, habilidades, aptidões e interesses enfim, todas as suas potencialidades.

“A educação das crianças em seus primeiros anos de vida é uma preocupação que vem desde a antiguidade” (ELKIND, 1972:40)

Segundo Drouet, a pré-escola foi evoluindo, e cada vez mais se aperfeiçoando no sentido de poder desenvolver integralmente os educando. Embora eles já tragam o “currículo oculto” de seus lares, a criatividade, a invenção, a socialização, a cooperação com os colegas, o

espírito de equipe, através dos trabalhos em grupo, são capacidades e atividades que muito dificilmente não realizariam no próprio lar. Para isso, seria necessário que cada criança tivesse à sua disposição um adulto, por algumas horas e diariamente, que lhe proporcionasse todas as oportunidades que uma boa pré-escola pode oferecer.

“Igualdade de oportunidades educacionais para todos, sem distinção de classe social, raça ou religião, deve ser oferecida nesse período de pré-escolar tão propício ao desenvolvimento do ser humano”

(DROEUT, 1990:49)

3.7 - ESCOLA E MODERNIDADE

Como fica a educação infantil?

De um modo geral, podemos dizer que “do útero à morte, estamos sempre aprendendo e/ou ensinando alguma coisa com amigos, parentes, estranhos, professores, políticos, poetas e até filósofos, seja através de posturas, gestos palavras, formas, sentimentos; em casa, na rua, na fabrica, no sindicato, na festa, num livro, na escola?”.

Tudo isso faz parte de um aprendizado generalizado que poderíamos chamar de espontâneo, cotidiano, informal. A educação na escola é aquele aprendizado sistematizado e formalizado, onde se busca uma transmissão ordenada e serial de informações e conhecimentos, visando também a preparação intelectual e ética do aluno, para o convívio em grupo.

Segundo Damazio (1992:87), a escola é um referencial importante para a criança. Ai ela começa a tomar contato mais amplo com a coletividade, passa a enriquecer seu repertório de experiências e relacionamentos, assim como passa, também, a receber o treinamento para a vida social.

Acontece que a educação da escola está dissociada da educação cotidiana existencial, assim como a escola não gravita acima ou além do contexto e do momento a que pertence. Assim, para a criança, sua formação será extremamente influenciada por essa educação mais ou menos formal que visa prepara-la para a vida social. A escola tanto reproduz os padrões vigentes, como cria espaços para novas alternativas. Como a escola não é uma ilha e o aluno não é um candidato a Robson Crusóé, pode-se dizer que a educação do cotidiano e a escola deveriam se encontrar, mas. Não é assim que ocorre. “A escola se tornou burocratizada e comercial” (DAMAZIO, 1992: 24)

Segundo Nilda Alves (1992: 62), a escola reluta em acompanhar as mudanças estruturadas da sociedade. Existe um descompasso gritante entre a realidade e a escola. A modernidade transformou a escola. O ensino de massa é um ensino descartável e a criança que ele forma é o resultado dessa “descartabilidade” do conhecimento. A realidade está

ultrapassando a escola que está se tornando obsoleta e até incapaz de meramente transmitir o óbvio e o mínimo socialmente necessário.

Quando se fala em ensino descartável, faz-se referência ao ensino que se preocupa em despejar conteúdos, sem sentido, para o aluno, sem referência nenhuma com sua realidade, que, se preocupa em reproduzir uma determinada ideologia, buscando a hegemonia de um grupo, "elite", que, se encontra no poder, dominando no momento, sobre o maior número possível de alunos, que foram transformados em meros dígitos na contabilidade escolar. O professor descartável e aquele que ganha mal e é precariamente formado, tendo que se submeter, para sobreviver a jornadas absurdas, sem poder sequer ter o controle do conhecimento e do processo de aprendizagem com qual trabalha e submete seus alunos.

São ensinamentos modelos, grades curriculares preconcebidos, sem a preocupação de saber "para quem", "por quê" e "para quê" este ensino. Os modelos de aprendizagem são mais importantes que os sujeitos (professor e aluno) do aprendizado.

A forma como o conhecimento tem sido trabalhado na escola se tornou pasteurizado, formal e cheio de contradições. O saber vem antes da pessoa que sabe ou deve saber. Isto é, uma idéia abstrata e ambígua de conhecimento, de linguagem, e mesmo de cultura, que vem antes da própria realidade, e parece sobrevoá-la.

Impõe-se à criança modelos de frases, que acabam viciando e bloqueando seu pensamento, sem se atentar para seu processo de auto-crescimento, seus modos de desenvolver a linguagem, seus ritmos de elaborar o conhecimento. Pouco espaço se dá para a criança criar e experimentar. "Nossas escolas ainda tem um ensino elitista" (ALVES, 1992:37).

A realidade urbana contemporânea impõe à criança um ritmo alucinante. De um lado o convívio tenso das desigualdades sociais e do outro o bombardeio múltiplo de informações. A subjetividade da criança se tece no contato com tais realidades. A criança capta, aprende, incorpora e, por fim, reproduz o teor desse mundo em que ela vive. Se uma leitura do mundo que a leve a situar-se como sujeito consciente, crítico e criativo, correremos o risco de continuar fechando portas para o aprimoramento dessa humanidade que vimos criando. Além, é claro, de reiterarmos a subjugação e a injustiça e perpetrarmos a reprodução da passividade, da apatia e do estrangulamento da sensibilidade.

Segundo Damazio (1992:23), a dureza é a indiferença para o novo que a infância representa em termos de imaginário e de comportamento, são uma comissão de força cultural quase inescapável. A agressividade que praticamos, até agora, contra a criança é o fim de um ciclo neurótico cultural de violência do homem contra o homem e do homem contra a natureza. Parece que nossa prática adulta reduz aquilo que na infância apresenta ser saudável e promissor para o indivíduo, seja através de frustrações ou imposições.

Pode-se ver como os meios de comunicação e a tecnologia modernos modificam o brinquedo, e as concepções de brincadeiras e as fantasias das crianças. A ideologia do consumismo estimula na criança o desejo de obter os mais modernos brinquedos que geralmente são a reprodução dos heróis da TV, e mais: roupas, bonequinhos, figurinhas, armas e utensílios etc. Repetem-se seus gestos e suas palavras. Reproduzindo bem claramente, modos e maneiras de outra cultura, que se impõe ao nosso cotidiano “inocente” da criança. Afinal, a criança é um grande consumidor.

É interessante notar a intrincada trama entre brinquedo, mercado e ideologia que cerca a criança e a torna cativa em um passe de mágica. Trata-se de mais uma forma sutil de, invasão do universo imaginário da criança. Essa invasão torna-se deturpadora à medida que impõe modelos pré-fabricados e meramente comerciais, além de politicamente doutrinários. Até parece uma indústria para produzir a criança desejada. Não sobram espaços para a liberdade e a criação da criança se sua fantasia está sob controle.

Talvez seja o momento para uma percepção mais ampla sobre a necessidade de deixar a criança ser criança. Abrir espaço para seus movimentos permitir sua expressão, estimular seus desejos, curiosidades, dialogar honesta e abertamente com ela, reconhecer sua presença, seus sonhos, sua voz e ajudá-la a descobrir as coisas por seus próprios meios e ritmos, com lucidez e clareza e sem violência.

4 - CONCLUSÃO

O tema motivação atrai bastante as pessoas para o estudo da psicologia. Por que nos comportamos de determinado modo? Como nos comportamos? Por que dois irmãos têm comportamentos diferentes? Por que alguém escolhe determinada profissão? Por que alguém se interessa por aprender português^{us} ou matemática? Há inúmeras perguntas, a lista seria enorme. Muitos especialistas^p resumem toda a motivação humana em auto-conservação e auto-expansão. A síntese do que o homem procura na vida é: satisfazer-se dentro de um quadro referencial imediato e, ao mesmo tempo, projetar-se para o futuro em busca de mais e melhor; manter-se e expandir-se. Tudo aquilo que na vida o homem fizer, pensar e sentir estará relacionado como motivos básicos.

De acordo com as características inatas de cada um, com o ambiente em que vive, a educação que receber, de acordo com o modo como ocorrer a interação entre estas características da pessoa e do meio, teremos a diferenciação dos motivos básicos de auto-conservação e auto-expansão em uma série de outros, a determinação de objetivos que, atendem a estes motivos, e a escolha de caminhos que levem a esses objetivos. Motivo é o nome genérico dado a todo este conjunto de operações.

Todo comportamento pode ser visto como um meio para alcançar o equilíbrio, para que, o organismo permaneça em níveis estáveis. Normal não é o repouso mas, ação. Muitas vezes, o homem, rompe o equilíbrio, e para restabelece-lo, de modo ideal mobiliza diversas funções entre elas as neuro-químicas e físicas, que mesmo nos estados estáveis estão sempre em ação, numa complexa associação, que gera equilíbrio, e forma as características individuais de comportamento que, recebem influencia do meio, desde as relações elementares do nascimento, e primeiros anos de vida, até as mais complexas, com outros membros da família; na escola, com professores e colegas de classe. Motivação refere-se então a um estado de tenção, uma impulsão interna, que inicia, dirige e mantém o comportamento voltado para um objetivo.

Cabe aos adultos diretamente ligados à escola a responsabilidade de propiciar uma iniciação agradável e feliz da criança na vida escolar. Para tanto, é necessário que os alunos

sintam-se bem na escola, que tenha a noção de que pertence a ela e que, por isso, devem amar e preservar esse espaço físico que os abriga diariamente. Portanto, é fundamental que todos – a direção, os professores e funcionários da escola bem como os pais dos alunos – conscientizem-se da importância da educação pré-escolar. Os professores da pré-escola devem ser preparados para uma didática bem diferente daquela comumente empregada nos outros cursos.

A filosofia da educação que embasa é a do “aprender fazendo”, da “liberdade de ação”, da curiosidade e da criatividade, da invenção e do interesse. As aulas serão todas organizadas e planejadas em torno de atividades, de centro de interesse, de acontecimentos. Esses planos de aula devem ser flexíveis, para que possam ser rapidamente mudados de acordo com os interesses dos alunos ou de algum evento importante. Nos métodos tradicionais e nos métodos ativos a figura central é o aluno e o objetivo essencial é fazê-lo aprender. A tarefa de educar crianças pequenas não é fácil. Exige tempo, muito amor, paciência, compreensão, interesse e mesmo uma certa dose de sacrifício. Em geral, os pais tem muita vontade de dar uma boa educação aos seus filhos – se possível, uma educação melhor do que a que eles receberam. Entretanto, mesmo que escolha uma boa pré-escola, é necessário que saibam que o processo de desenvolvimento de uma boa pré-escola, é necessário que saibam que o processo de desenvolvimento de uma criança requer a ação conjunta da família e da escola, por isso, a colaboração de pais e professores é indispensável.

O papel do professor para motivar a criança, nessa fase da pré-escola, é fundamental. Sendo este co-participante do desenvolvimento da criança ajudando em seu progresso.

*Este foi um questionamento q
deveria ter
aparecido antes.
Ele não foi apontado!*

APRENDIZAGEM, DESEJO E CORPO

Várias são as formas e as perspectivas de analisar a aprendizagem, os alunos e as interações desses com a família, a escola, a sociedade, a cultura e o mundo

Uma dessas formas é perceber que, de maneira individual, na aprendizagem ocorre um processo de vínculo entre quem ensina e quem aprende. Para a compreensão do processo da aprendizagem é necessário entendermos alguns dos aspectos envolvidos, tais como: a dinâmica, os movimentos, as tendências e o modo de circulação do conhecimento e do saber dentro do grupo familiar e escolar.

“Aprendizagem é um processo cujas origens são os vínculos e o lúdico. Seu desdobramento criativo põe-se em jogo através da [articulação entre inteligência, desejo, assimilação e acomodação]” (PIAGET).

O ser humano para aprender põe em jogo:

- Seu organismo individual;
- Seu corpo construído especularmente;
- Sua inteligência, auto-construída ‘inter-racionalmente’;
- A “estrutura do desejo.”

* (Ângela Blume)

Na aprendizagem entende-se corpo como aquele que acumula experiências, adquire novas destrezas, automatiza os movimentos de maneira a produzir programações originais ou culturais de comportamento. Pelo corpo nos apropriamos do organismo, o qual é capaz de registrar certos tipos de associação e reproduzi-las quando estas se tornarem necessárias. Todo o conhecimento tem um nível figurativo, que se inscreve no corpo.

A aprendizagem passa pelo corpo do início ao fim. O espaço de confiança, de liberdade, de jogo com prazer e com possibilidades de apropriar-se do produto de seu trabalho e com envolvimento. O corpo enlaça a dimensão interna com a externa, através do conceito do

vínculo com o lugar de interseção da construtividade cognitiva e da estrutura de desejo. É o meio quem posiciona a construção desse vínculo.

No nosso processo educacional, muitas vezes, são negadas essas interações e a importância delas para a vida de quem aprende e quem ensina. Em algumas instituições e/ou circunstâncias existe uma desvalorização do lugar do corpo no processo da aprendizagem, uma desqualificação do saber e um endeusamento do conhecimento, ocasionando falhas no processo de aprendizagem.

No trabalho escolar e no atendimento clínico, através da observação e do estudo de como brinca, joga e aprende uma criança, percebe-se a complexidade dos processos que englobam o aprender. Respostas também são conseguidas através do entendimento da relação subjetiva entre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo, 'transversalizado' por uma particular situação vincular e social.

A aprendizagem real e/ou significativa poderá ocorrer através do encontro com a satisfação perdida. Nossa tarefa como profissionais de educação nas instituições com alunos e pacientes é intervir e auxiliar para recuperar o prazer de aprender, resgatando também o prazer de trabalhar aprendendo e aprender trabalhando.

* Ângela Blume é psicóloga e terapeuta corporal, integrante da equipe Alethéia. Escreve artigos e ministra palestras sobre Educação. Trecho retirado do artigo "As Origens da Aprendizagem", revista 'Viver Psicologia', p.23, p.p.13.

5 - BIBLIOGRAFIA

- 1) ALVES, Nilda. Formação de professores: pensar e fazer. SP, Cortez, 1992.
- 2) BARROS, Célia Silva Guimarães. Pontos de psicologia geral. SP, Editora Ática, 1977.
- 3) BARBOSA, E.C. "A abordagem Rogeriana." Tecnologia Educacional, ano IX, nº 35:37-41, 1980.
- 4) BAUROW, Olaf-axel, Gestaltpedagogia: um caminho para escola e a educação. São Paulo, Summus editorial, 1985.
- 5) BIGGE, Moris L. Teorias de aprendizagem para professores e universitários. Florianópolis, Perspectivas, nº VII, 13 p. 1973 .
- 6) BRUNER, J.S. O processo da educação. São Paulo, Nacional, 1973. 87 p.
- 7) BRUNER, J.S. Uma nova teoria de aprendizagem. Rio, Bloch, 1969 (1ª-ed.) 191 p.
- 8) CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da aprendizagem. RJ, Editora Vozes, 1973.
- 9) CERIZADA, Ana Beatriz. A pré-escola em questão. Florianópolis, Perspectiva, nº VII, 10 p. 1989.
- 10) DAMAZIO, Reynaldo Luiz. O que é criança adolescente, menor. SP, Círculo do Livro, Coleção primeiros passos, 1992.
- 11) DAVIS, Claudia. Psicologia da educação. São Paulo, Cortez, 1993.
- 12) DREW, Walter F. Como motivar os alunos de hoje. SP, Saraiva, 1977

- 13) DROUET, Ruth Caibé da Rocha. Fundamentos da educação pré-escolar. SP, Ática, 1990.
- 14) ELKIND, David. Crianças e adolescentes. RJ, Editora Zahar, 1972.
- 15) FALCÃO, Gerson Marinho. Psicologia da Aprendizagem. SP, Editora Ática, 1989.
- 16) FERRARI, Alceu R. Pré-escola. Para salvar a escola? SP, Educação e sociedade, 1982.
- 17) FREIRE, Paulo. Medo e ousadia. O cotidiano do professor. RJ, Paz e terra, 1993.
- 18) FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e terra, 1997.
- 19) GADOTTI, Moacir. História das idéias pedagógicas. SP, Ática, 1993.
- 20) GOULART, Íris Barbosa. Psicologia da educação: Fundamentos teóricos. Petrópolis, Vozes, 1989.
- 21) GREEN, Donald Rors. Psicologia da educação. RJ, Editora Zahar, 1970.
- 22) MAGER, Robert Frank. Atitudes favoráveis do ensino. Porto Alegre, Globo, 1976.
- 23) MORAIS, Regis de. O que é ensinar. SP, EPU, 1986.
- 24) MOREIRA, Marco Antônio. Ensino-aprendizagem: enfoque teórico. SP, Editora Moraes, 1992.
- 25) PATTO, Maria Helena Souza. Introdução à psicologia escolar. SP, T.A. Queiroz e, 1985.

- 26) PIAGET, Jaz. Seis estudos de psicologia. RJ, editora Forense universitária, 1986.
- 27) PIAGET, Jaz. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro, Livraria José Olympio editora, 1997. 178p.
- 28) PRETTO, Silos Pereira Neves. Educação humanística: Características de professores e seus efeitos sobre os alunos. SP, Cortez, 1978.
- 29) RADFORD, John. A pessoa em psicologia. RJ, Zahar, 1976.
- 30) RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-Terapia: refazendo um caminho. São Paulo, Summus editorial, 1985.
- 31) ROGERS, Carl. Liberdade para aprender em nossa década. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1986.
- 32) SHARP, Margaret F. Introdução à Psicologia Educacional. SP, Editora Cultrix, 1975.
- 33) SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade Terminais, Petrópolis, Vozes, 1996.
- 34) SOUZA, Solange Jobim e. Pré-escola: em busca de suas funções. SP, cad. Pesq. Fev. 1984.